

“AS RESISTÊNCIAS CULTURAIS E SEU IMPACTO NO PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO: O CASO DO BAIRRO DA MOOCA-SP- BRASIL”

Danilo Martins de Castro - Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela UNESP - Rio Claro – São Paulo - Brasil. E-mail: dan_geogr@yahoo.com.br Endereço para contato – Danilo: Rua Azevedo Soares, 301, São Paulo-SP, Cep: 03322-000.

Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho - Prof. Dr. do Departamento de Geografia UNESP - Rio Claro – São Paulo - Brasil. E-mail: fadeldaf@rc.unesp.br

Resumo

A proposta deste trabalho, busca compreender os processos de manifestações culturais de uma determinada comunidade, na luta para poder identificar como grupo étnico frente ao processo de globalização e de mundialização da cultura, nos permite fazer uma retrospectiva histórico-geográfica para entendermos o seu cotidiano e as suas formas de manutenção dessa cultura ao longo do processo histórico.

Palavras chaves: cultura, metropolização, Mooca.

Introdução

Entendemos como a comunidade italiana se organizou, desde a sua chegada à cidade de São Paulo no final do século XIX até os dias atuais, passando por um processo de metropolização e por uma desvalorização do bairro, ocasionando um novo choque étnico e cultural. Tudo isso contribui para conhecermos como as manifestações culturais são mantidas, proporcionando também, que ela traga um retorno ao sentido de comunidade do bairro, identificada através de suas festas e tradições.

Assim, trabalhamos com a formação dos chamados “bairros italianos”, que se localizam a leste do rio Tamanduateí e que tem a sua paisagem transformada pelo

homem de acordo com seu processo de ocupação e utilização do solo. Daremos um destaque para o bairro da Mooca, que em conjunto com os bairros do Brás e do Belenzinho, constituem os denominados “bairros italianos” do início do século XX e que, através da manutenção daquela cultura, representadas através da língua e das atividades culturais, ainda recebem esse rótulo.

Processo Histórico

A partir do século XIX, o Brasil passou por um processo de imigração muito forte, financiado pelo próprio governo brasileiro, para atrair uma nova mão-de-obra especializada para as lavouras de café no interior paulista. Moraes (1988), ressalta que, a entrada de imigrantes era alimentada também pela “busca da melhoria da raça”. Um dos principais grupos de imigrantes que vieram atrás desse novo “paraíso” e em busca de uma vida melhor, se estabelecendo e fundando colônias, foram os imigrantes italianos.

Contudo, a partir da construção da Hospedaria do Imigrante em 1866, e com o financiamento do transporte marítimo de estrangeiros pelo governo provincial, e mesmo sendo considerados imigrantes, apenas os passageiros de 3ª classe. Conforme Rossini (2004), isso proporcionou um aumento do número de imigrantes até 1932, quando então o governo Vargas, temendo a formação de “quistos étnicos”, estabeleceu o limite de cotas.

É nesse contexto que a população estrangeira da cidade de São Paulo aumenta. Muitos imigrantes “fogem” das lavouras de café, por causa da crise no setor e se estabelecem na cidade, participando do processo de industrialização. Assim, muitos imigrantes italianos se fixam nas regiões do Brás e da Mooca, principalmente pela presença de indústrias têxteis, tornando esse lugar um ambiente de trabalho e moradia.

Dessa forma, a indústria ajuda na ascensão desses bairros, estruturando-os e tornando-os um atrativo a mais para os imigrantes que chegavam. Outro destaque que facilitava a chegada, principalmente ao bairro do Brás, era a estrada de ferro da São Paulo Railway, que estabelece uma de suas estações naquele bairro, facilitando assim, o acesso para a região.

Assim, devemos compreender que a formação industrial da cidade de São Paulo está intimamente ligada com o processo imigratório que o Brasil passa a proporcionar com mais intensidade a partir de 1870 até 1930. Esse período se torna primordial para a formação da base industrial da capital paulista e para a formação da sociedade paulistana, em todas as camadas sociais presentes ao período.

Porém, com a ascensão de algumas famílias italianas e suas mudanças para os considerados “bairros de elite”, observou-se um declínio da região, proporcionando um “barateamento” do bairro, favorecendo a instalação de um processo que começará a ganhar força na metrópole paulista.

Assim, houve uma migração nordestina muito forte para a Mooca e para os típicos bairros italianos, fazendo com que estes perdessem suas identidades, como afirma Andrade (2000). Neste mesmo trabalho, a autora cita que “em diversos depoimentos, essa presença é associada à deterioração dos bairros” (*op. cit.*,9), caracterizando assim um sentimento de identificação e de pertencer ao local onde se vive.

É dentro deste panorama que trabalhamos com as resistências culturais, perante esse processo de metropolização, concomitante com um processo de norteamericanização da cultura.

Fundamentação teórico-metodológica e técnicas

Além de buscar o entendimento dos choques culturais em que esses tradicionais bairros paulistanos sofreram com as migrações nordestinas, a busca por uma metodologia de trabalho se deu enfatizando o entendimento do processo histórico e cultural que a população estudada sofreu ao longo de sua formação histórica. O limitador temporal é justamente a chegada dos imigrantes italianos na cidade de São Paulo e sua fixação, em conjunto com suas influências políticas e culturais, dentro de um processo de industrialização da cidade.

Em virtude desse processo histórico, tentaremos abordar o “por que” das manifestações culturais perante uma articulação migratória, que se instala no Brasil a

partir da década de 60, criando um novo choque cultural e forçando um novo rearranjo das comunidades, visando manter a cultura ali vigente.

Entendemos assim que, o método, embasado na abordagem do materialismo histórico e dialético, proporciona uma análise mais crítica desse processo político-cultural, em que a comunidade italiana do Bairro da Mooca-SP é inserida, a partir desse “novo” momento da metrópole paulistana.

Esta comunidade apresenta suas formas de manifestações culturais através de festas, da língua italiana que, por muitas vezes, pode ser detectada em ambientes públicos, como em feiras livres do bairro, tendo como ponto forte a sua identidade com o local.

Para Moraes (*op.cit.*, p.101) “a construção de identidades regionais é uma manifestação plena daquele campo cultural”, podendo ser entendida como única, já que o processo imposto é tratado de forma singular em cada região. Visto e trabalhado através de uma análise crítica, a partir do entendimento das relações intracomunitárias, entende-se que a comunidade expressa o sentimento coletivo.

Dessa forma, o materialismo histórico-dialético contribui para o entendimento das formas espaciais produzidas pela sociedade, onde essas formas são projeções dos homens (reais, seres históricos, sociais e culturais), como coloca Moraes (*op. cit.*). Assim, a paisagem humana é o resultado de diferentes processos históricos, sofrendo transformações de acordo com a dinâmica mundial. Para Carlos (1996, p.18), a globalização se materializa no lugar, onde “se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial”.

Sendo assim, o processo de metropolização que ocorre em São Paulo tem, antes de tudo, um caráter mundial. Através dessas relações entre o global e o local é que os constantes choques culturais ocorrem, não apenas através da vivência com outras etnias, mas também, com os meios de comunicação, através dos quais, visam à introdução de seus produtos em outras culturas, fazendo com que essas adotem um novo modo de vida. Portanto, a utilização do método dedutivo contribui para entendermos que esses processos de resistências culturais não são exclusividades apenas da comunidade italiana de São Paulo, mas sim, um fenômeno que ocorre no

mundo inteiro, onde grupos tentam sobreviver e manter suas culturas regionais ante uma lógica de mercado que busca a homogeneização cultural, inserindo uma “nova” cultura global.

O Bairro como forma de reprodução do meio social

Ao trabalhar com a cultura em escala local, o bairro é o principal veículo de análise deste estudo. Ao contrário de identificar uma cultura nacional, o estudo em escalas locais e regionais permite observar de forma mais precisa como que as transformações da paisagem ocorrem através desta categoria de análise.

O bairro, assim como as regiões, permite compreender as especificidades e particularidades de determinadas comunidades de acordo com a sua área de abrangência. Por exemplo, ao tratar a cultura nacional como apenas a do samba, estaríamos negando outras manifestações culturais que ocorrem ao longo do território nacional. A escala local e a escala regional permitem também identificar diferentes comunidades dentro de um determinado espaço.

O papel do bairro para este estudo se torna fundamental. O bairro, no caso a Mooca, é o local onde as interações intra e intersociais ocorrem e o produto dessas interações é que irá permitir a transformação social.

Pensar em tratar essas interações permite-nos estabelecer que estas ocorrem por qualquer razão, que em qualquer comunidade local, sendo que esta não está isolada. As interações ocorrem visando uma propagação deste espaço, tornando-o um espaço de uso e fins nos quais convenham para alguns setores da comunidade, ou até mesmo para favorecer interesses de terceiros.

Assim, o bairro torna-se um lugar, onde este está carregado de valores e símbolos como coloca Mello (1991,45). É através dessa transformação do espaço em lugar, que a cultura permeia suas ações em conjunto com outras esferas.

A cultura proporciona então que,

algumas dessas coletividades de bairro não só participam da vida social cotidiana como contribuem para a (re)criação de

uma identidade de bairro na construção de uma imagem unitária do bairro, para o exterior, no momento do confronto com outros bairros (Cordeiro e Costa *apud* Matos, 2004,46).

Outro ponto em questão são as diversas formas do uso deste bairro. Pensar no bairro apenas como um local de propagação de culturas, seria minimizar o seu papel á um simples palco, onde ocorreriam manifestações culturais dos diversos estilos. Lefebvre (*apud* Silva, 1988, 30) coloca que,

as diversas formas de uso do bairro no dia-dia das atividades estabelecidas pelo morador. É a nível deste estabelecimento pratico-cotidiano que se travam os embates e as lutas pelo uso e pela apropriação do lugar.

Assim, o bairro como é o lugar onde toda e qualquer relação ocorre dentro do cotidiano do cidadão, onde este se apropria do privado e faz o uso do público para se identificar dentro do grupo, além de, por muitas vezes, trazer o público para a esfera privada.

A Imigração Italiana

O objetivo do destaque dado à imigração italiana, é apresentar um breve resumo dessa classe de imigrantes que se concentram nos bairros do Brás, Bom Retiro, Mooca e Belenzinho. Não que não houvesse imigrantes italianos em outras regiões, mas a sua maior concentração ocorria nessas localidades.

Aliás, os primeiros contingentes de imigrantes italianos foram para as lavouras de café do interior paulista, retornando posteriormente, mas não em sua totalidade, para a capital.

O processo de alojamento dos imigrantes italianos ocorre, inicialmente, na região do bairro do Brás, bairro este que possuía característica industrial.

Um dos principais fatores para o alojamento desses imigrantes no bairro do Brás, e posteriormente nos bairros a leste do rio Tamanduateí, foram: a própria localização da Hospedaria, próxima a estrada de ferro da São Paulo Railway que trazia os

imigrantes do Porto de Santos até São Paulo. Também as características da própria população imigrante que chegava da região norte da Itália, região que já possuía características industriais.

Outro fator já citado anteriormente foi à própria rejeição por parte da elite paulistana, que induziu o alojamento desses imigrantes nessas regiões mais periféricas.

O imigrante italiano que vinha para a capital paulistana apresentava uma maior familiaridade com os centros urbano-industriais.

Esses imigrantes trazem para a capital paulista a idéia de sindicatos, como destaca Hall (2004, 124), “até o Jornal da União dos Sindicatos de São Paulo, *La Lotta Preletaria*, saiu durante vários anos em italiano, como uma grande parte da imprensa operária até a década de 1920”. Bertonha (2004), coloca que, no início do século XX, cerca de 80% dos operários paulistanos eram italianos, e dentro do movimento operário no período, entre 1890 e 1920, dos quarenta e dois principais líderes operários de São Paulo, oito eram brasileiros, seis espanhóis, seis portugueses e vinte e dois italianos. Bertonha ressalva as idéias de Hall, quando coloca que,

a língua constante na maioria das centenas de jornais e panfletos publicados pelos operários em São Paulo naqueles anos, também era o italiano, que era igualmente utilizado nos comícios, nas manifestações, nas encenações de teatro e em outras manifestações da cultura operária daquele momento (Bertonha, 2004, 35).

O destaque que Bertonha dá para as manifestações da cultura operária italiana revela a importância desse grupo para a constituição dos bairros operários paulistanos.

Morse (apud Patarra, 1988), ressalta a situação dos imigrantes que trabalhavam nas fábricas paulistanas. Os operários em São Paulo, na grande maioria não eram analfabetos. Desse modo, trouxeram habilidades manuais e técnicas que não se encontrava no Brasil. A indústria Têxtil era a que mais absorvia mão-de-obra, seguida da indústria de produção alimentícia e da indústria de vestuário.

A introdução de novas técnicas proporcionava o interesse pelos donos das fábricas em contratar o operariado imigrante.

A História da Mooca

Grande parte da história do bairro da Mooca confunde-se com a do bairro do Brás.

A Mooca não pode ser considerada um quisto étnico no final do século XIX e início do século XX, devido a grande quantidade de imigrantes de diversas nacionalidades que ali se instalaram.

Levino Porciano (2004), traz uma breve história do bairro colocando que este surge em 1556, quando jesuítas constroem uma ponte sobre o rio Tamanduateí. A construção da ponte tinha a intenção de ligar a Vila de São Paulo à outra margem do rio, facilitando a ocupação da várzea com a construção de casas de pau-a-pique.

Outro fator que contribuiu para o crescimento da Mooca, foi a construção da estrada de ferro da São Paulo Railway em 1865, ligando a região ao Porto de Santos e a outras regiões da capital, tendo viagem inaugural entre as estações da Luz e da Mooca.

O Jockey Clube de São Paulo, inaugurado em 1875, foi criado com a intenção de oferecer uma nova área de lazer na cidade, o Jockey traz profundas modificações no bairro da Mooca, não só pela infra-estrutura, mas também pela segregação que ele proporcionava.

A construção do Jockey Clube faz com que fosse criado um ramal da estrada de ferro vindo da Luz e indo até as intermediações do Hipódromo na Mooca, evitando que a elite paulistana se misturasse com os imigrantes que ali residiam.

O bairro da Mooca abriga também várias indústrias no início do século XX, dando-se destaque a Cervejaria Bavária (posteriormente Antártica), Fiação e Tecelagem Mooca (da Família Crespi), Companhia de Calçados Clark, São Paulo Alpargatas, Grandes Moinhos Gambá, Fábrica de Tecidos Labor.

A região do “Além-Tamanduateí” era caracterizada por ter um grande número de fábricas.

Em 1910, o bairro da Mooca se desvincula do Brás e é importante ressaltar que alguns escritores e jornalistas que residem no bairro da Mooca, têm a preocupação de resgatar a história da Mooca desde o século XVI, como sendo separada do Brás.

“Dois anos após o ato de criação, o seu perímetro urbano era tomado de um suceder de belas construções e de pequenas moradias mais modestas” (Luciano Jr, 1981, 10).

O avanço do processo de urbanização no bairro da Mooca criava um contraste na paisagem.

As chácaras que existiam no bairro passavam a dar lugar às indústrias e as moradias dos operários, criando-se a necessidade de oferecer melhor infra-estrutura.

A criação de quatro linhas de bonde que ligavam o Largo da Sé, a Rua Borgens (Armazéns Matarazzo) e Largo do Tesouro.

Luciano Jr (*op. cit*), destaca que, em 1925, a cidade sofre uma crise de energia elétrica, obrigando o racionamento de energia para as fábricas e domicílios. A Light, empresa de energia elétrica do período, diminui o número de bondes, passando a recolhê-los às 21 horas. O racionamento elétrico obriga o uso de jardineiras, auto-bondes e, posteriormente, o auto-ônibus.

Alves (1998, 34), ao abordar o tema moradia, destacava que: “as casas que surgiram no bairro no início doséculo, tinham telhados de três e quatro quedas e porões, que evitavam a entrada de umidade prevenindo dos moradores contra a doença”.

Os novos imigrantes se instalavam nas vilas operárias ao redor das indústrias até construírem suas casas.

Pinheiro (*apud Alves, op. cit, 47*), chama a atenção para o fato,

as referências para os moradores da Mooca, assim, como para muitos outros, sempre era a arquitetura das casas das

elites, reproduzida dentro das possibilidades econômicas de cada um. Isso gerava simplificações dos detalhes.

O enriquecimento de algumas famílias de imigrantes através das atividades industriais faz com que o bairro sofra uma ruptura. Andrade (2000,9), trata essa separação das famílias de imigrantes que enriqueceram com o bairro, como uma busca por um status, ao citar, “abandonar o bairro de origem por outro, reconhecido como de elite, parece ter sido a regra entre os novos empresários”.

Com relação aos trabalhadores, esses saíam do bairro em busca de aluguel mais barato, ou da casa própria na periferia, através da autoconstrução, ou também pelo fato de muitas vezes terem sido expulsos devido à expansão das fábricas, visto que estas compravam as residências próximas e as demoliam.

O cotidiano do bairro da Mooca

A busca para a compreensão do cotidiano no início do século XX, fez entendermos como a comunidade italiana se reorganizava em um novo ambiente, agora a cidade de São Paulo, e como convivia com outras comunidades de imigrantes e com a antiga comunidade paulistana. Boris Fausto (1998, 27) coloca que “a autopercepção do imigrante como outro e a visão etnocêntrica do nacional sobre ele contribuíram para reforçar laços de grupo e laços familiares, pelo menos em uma primeira fase”.

Dessa forma, a criação de bairros étnicos, como o caso das colônias japonesa, judaica e síria, proporcionava um sentimento nacionalista da população paulistana em relação aos imigrantes. Contudo estes se organizavam em grupos e buscavam no outro uma forma de ajuda a se estabelecerem neste novo ambiente. Fausto (*op. cit.*) cita que esses laços de grupo faziam referência a microssociedades, sendo que estas podiam ser confundidas com as esferas públicas e privadas.

Portanto, a criação de bairros étnicos representava um fator de intimidade e segurança em contradição com as divergências da vida na cidade. Para o imigrante, esta ordem estabelecida pelo grupo, faria com que este conseguisse reproduzir um

pouco da sua origem neste novo lugar, oferecendo meios para que seus antigos hábitos e costumes fossem restabelecidos. Assim, a casa, a família, a religião e a comida contribuíam para trazer esses costumes.

No bairro da Mooca a situação não era diferente, embora este bairro não pudesse ser considerado um bairro étnico, devido ao grande número de imigrantes de diversas nacionalidades mesmo tendo em sua maioria italianos. Os confrontos culturais entre brasileiros e imigrantes ocorriam a todo o momento. O confronto não necessariamente deveria ter uma agressividade, mas o simples fato de existirem grupos de ajuda mútua ao imigrante, criados pelos próprios imigrantes, já gerava esse problema.

Hall (2004) mostra outros confrontos culturais de forma mais acirrada sem especificar o local onde ocorriam quando coloca que, após o primeiro protocolo ter sido assinado entre os governos do Brasil e Itália na tentativa de evitar novos problemas diplomáticos entre os dois países, um grupo de nacionalistas invadiu uma apresentação que ocorria no Teatro São José, em São Paulo, em benefício do Hospital Italiano, mandando sair qualquer brasileiro que existisse ali. Esses protestos anti-italianos só cessaram quando o Senado recusar o protocolo.

O bairro da Mooca no início do século XX, também era conhecido por seu movimento sindical, devido ao grande número de imigrantes oriundos das áreas industriais do norte da Itália. Neste contexto podemos destacar a greve de 1917 que se inicia no Cotonifício Crespi e alastra-se para outros bairros como Lapa, Brás, Ipiranga e Barra Funda.

Alves (1998,65) ao tratar do cotidiano neste bairro coloca que,

a vida no bairro da Mooca sempre foi muito provinciana. Em certo sentido, é como se fosse uma cidade dentro de São Paulo, quem viveu por lá ou continua fiel as suas ruas estreitas e nostálgicas sabe bem o que é não querer de maneira alguma não querer deixar as tradições morrerem.

Esse discurso, que visa enaltecer o sentimento pelo local, mostrando um pouco das características físicas do bairro e da noção de tempo que não é a mesma ao tempo do resto da cidade, camufla a atual situação do bairro da Mooca. Através de entrevistas e do trabalho de campo, foi possível perceber uma diferenciação tanto

física quanto econômica do bairro. Por exemplo, à parte do bairro conhecida como Alto da Mooca apresenta condomínios de luxo, alta qualidade de vida, grandes supermercados.

À parte do bairro que se localiza na várzea do Tamanduateí, na qual originou o bairro, apresenta casas menores, oriundas ainda da primeira metade do século XX, há cortiços, antigas fábricas abandonadas, ou com novas funções, como, por exemplo, terem se tornado estacionamentos. Esta parte do bairro, na qual é a região em que o trabalho baseia seu estudo, ainda possui atividade fabril, mas tem como seu principal setor econômico o terciário, tendo padarias, oficinas mecânicas e retificas.

A segregação desta parte do bairro tem com relação à parte mais rica, torna-se visível na entrevista com o Sr. Wanderley, um dos moradores da Mooca. Ele diz que à parte do bairro da Mooca que está na área de várzea do Tamanduateí, não pertence à Subprefeitura da Mooca, mas sim, a Subprefeitura da Sé, tendo como limite para esta divisão a estrada de ferro.

Nessa entrevista, ele relata também as dificuldades e a falta de compromisso da prefeitura, dizendo que a Mooca ali havia parado e que precisava voltar a dar infraestrutura para ter o desenvolvimento daquela parte do bairro.

Convém lembrar que o empobrecimento dessa área pode ser explicado por um fenômeno que ocorre a partir da década de 40, com a ascensão de algumas famílias italianas e suas mudanças para os considerados “bairros de elite”. A partir daí observou-se um declínio da região, proporcionando um “barateamento” do custo de vida no bairro, iniciando um processo que se tornará comum na metrópole paulista.

Com o barateamento do custo de vida do bairro, esse passa a receber um novo processo migratório.

O processo de migração, pelo qual a capital passará com maior intensidade a partir da década de 50, faz com que muitos desses migrantes que provinham principalmente do nordeste brasileiro, venham a se instalar na região, ocupando também a periferia da cidade. Esse novo fluxo migratório caracteriza assim, um novo confronto cultural, oriundo de uma mudança econômica, similar ao início do processo imigratório no final do século XIX.

Esse novo choque cultural não gera confrontos étnicos como os do início do século, devido ao bairro ter sempre recebido migrantes nacionais. O que estamos dando destaque é para a intensidade desse processo de migração que o bairro sofre.

O choque de culturas não se torna determinante para as modificações da paisagem, como no início do século XX. Essas modificações possuem um cunho mais econômico do que cultural. Não que a cultura não tenha influenciado, mas é que com o processo de desconcentração industrial que passa a assolar o Estado de São Paulo e que atinge diretamente as indústrias da região da Mooca. Este processo, na qual as indústrias saem da região metropolitana de São Paulo, rumo ao interior paulista ou para outros Estados do Brasil, faz com que a população do bairro busque novas alternativas de trabalho.

Um choque cultural que envolve o setor comercial foi à aparição das chamadas Casas do Norte, sendo que estas têm como principal atrativo divulgar a culinária nordestina. O aparecimento dessas novas casas de comércio, mostra a importância e a quantidade de migrantes nordestinos que vieram para esta região.

Outro fato importante foi um novo rearranjo dos aspectos culturais, onde a criação destas casas tem também o objetivo de tornar os novos locais de moradia, o mais próximo possível do seu local de origem, mantendo seus costumes através da culinária. Este mesmo fato foi evidenciado quando tratamos da imigração italiana no início do século XX.

É importante colocar que nesse espaço de tempo, entre o auge do período industrial e os declínios, até início dos anos 70 e 80, com a desconcentração industrial, o bairro da Mooca cresceu e apoiou sua economia no setor terciário. Assim como nos bairros do Brás e do Belenzinho, ainda podemos encontrar antigas fábricas têxteis que ali se instalaram, tendo o Brás mantido esta tradição de vender produtos têxteis.

A cultura Italiana na Mooca nos dias atuais

A análise do estudo da cultura italiana na Mooca tem fundamental importância, devido à cultura ser utilizada como produto, na busca de transformar em espaço econômico o espaço banal, caracterizando, assim, uma internalização econômica de fatores externos.

No caso da cultura italiana na Mooca, deve-se resgatar um motivo já citado anteriormente. O abandono da região pelos órgãos públicos, obriga os moradores a criar alternativas para suprir necessidades da comunidade, função esta que deveria ser dos órgãos públicos.

A criação da festa de San Genaro é uma das principais fontes de renda em que a comunidade achou para suprir suas necessidades, na qual a renda obtida é dedicada a construir e manter creches para as famílias mais carentes da comunidade. A festa consegue atrair a comunidade e pessoas de outras regiões, mantendo a tradição italiana ao comercializarem alguns pratos típicos, doces e bebidas.

O espaço da festa apresenta uma segregação sócio-espacial devido ao restaurante, ali quem pagasse uma taxa mínima teria direito a entrar nele, impedindo, que muitos participassem dos shows, que traziam músicas e danças típicas.

Outra forma de ajuda a comunidade é o ensino da língua italiana, tendo o mesmo destino parte da renda adquirida.

Há uma preocupação em manter a cultura e torná-la uma fonte de renda para suprir as necessidades da comunidade, caracterizando o bairro e dando a ele um fator diferencial e de identificação perante a outros. Isso tudo mostra que a manter a cultura local, perante aos processos de metropolização, em uma primeira estância, e posteriormente no processo de globalização, pode contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

O grande mérito da questão não é quem organiza estas manifestações culturais, já que no caso da festa de San Genaro, esta foi organizada pela própria comunidade e depois adquirida pela igreja. A igreja, nesta comunidade, tem o papel de organizar e integrar a comunidade, papel este que contribui para aumentar seus domínios, já que as obras são depois responsabilidade da própria igreja.

Considerações Finais

A proposta de estudar os processos de manifestação cultural, tendo como estudo de caso, a comunidade italiana da Mooca, foi proveitosa e reveladora, sendo de extrema importância para trabalhos futuros.

A proposta de um estudo levando-se em consideração a cultura, sob o ponto de vista geográfico, revela que esta temática é de fundamental importância para o entendimento das transformações da paisagem.

Visto que, a cultura interfere, mas não determina as ações de uma determinada comunidade, estudá-la então, com o ponto de vista que só ela (a cultura) possui o caráter de direcionar as ações humanas na transformação da paisagem, ou então, atribuir a ela o status de entidade supra – orgânica, torna-se um grande equívoco, já que ao longo do trabalho foi mostrado que a cultura age na mesma instância que a economia e a política.

As discussões sobre cultura e o emprego dela no aspecto econômico para suprir algumas necessidades que a comunidade do bairro tinha, e que os órgãos públicos não solucionavam, mostram a fragilidade do nosso sistema público, e alternativas para a organização da comunidade em prol a um bem comum.

Manter a cultura, mesmo que seja com o objetivo de transformá-la em produto, como no caso deste estudo, gera um processo de resistência cultural, e um aprendizado das futuras gerações sobre a cultura vigente no local.

A cultura é, então, uma forma de organizar a comunidade e fazê-la sentir-se como grupo. Dessa forma, é possível buscar meios e alternativas para os problemas. Não que ela (a cultura) possua um caráter salvador, ou que, seja solução para qualquer problema, mas no caso estudado, foi uma alternativa encontrada.

A discussão estabelecida sobre as manifestações culturais e suas formas de propagação no espaço, transformando-o em um produto da cultura ali vigente, traz a tona à necessidade de novos estudos geográficos com o tema cultura. Fugindo de uma geografia cultural determinista de Sauer, mas analisando as transformações do espaço através da cultura, política e economia, nos dá assim uma visão geral dos fatores que interferem no cotidiano do cidadão.

A cultura deve, também, ser analisada em escalas regionais e locais, sem esquecer que está inserida em um contexto global. Caso seja analisada apenas em escalas globais, estará então se generalizando qualquer forma de confronto cultural a uma única resposta, mesmo sabendo-se que a cultura é dinâmica e dinamizadora, organizando o espaço e interferindo no cotidiano do local.

Dessa forma, os processos de resistências culturais que visam manter a cultura local ocorrem nas diversas escalas, e com respostas diferentes em cada uma delas. A comunidade italiana respondeu ao processo de metropolização mantendo a sua língua padrão, seus hábitos e costumes, além de suas crenças.

Hoje, ela promove festas e ensina a sua língua de origem, para contribuir com o desenvolvimento do bairro.

Bibliografia

- ANDRADE, M. M. de. Bairros Além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho. Tese (Doutorado em Geografia). USP – FFLCH. São Paulo: [s.n.], 1991.
- _____. Brás, Mooca e Belenzinho – “bairros italianos” na São Paulo Além-Tamanduateí. *Revista do Departamento de Geografia, USP*, nº 8, 1994. P.97 – 102.
- _____. Brás, Mooca e Belenzinho: formação e dissolução dos antigos bairros “italianos” Além-Tamanduateí. *Travessia – Revista do Migrante*, Ano XIII, nº 38, set/dez 2000. P.5-10.
- ALVES, M.R. Casas paulistanas - Pequenos tesouros da Mooca na transformação de São Paulo. São Paulo: Casa Paulistana de Comunicação, 1998.
- ARAÚJO, M. de F. I. Os cem últimos anos na história da cidade e a formação da grande São Paulo. In: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo no limiar do século XXI - Cenários da urbanização paulista - A região administrativa da Grande São Paulo. São Paulo: Secretaria do Planejamento e Gestão, Fundação Seade, 1992.
- AZEVEDO, A de. A cidade de São Paulo – Estudos de Geografia Urbana. In: AZEVEDO, A. *A Evolução Urbana*. Volume II. São Paulo: Companhia Nacional, 1958.
- BERTONHA, J. F. A imigração italiana no Brasil, São Paulo: Editora Saraiva, 2004. (Coleção Que História é esta?).
- CARLOS, A F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CENNI, F. Italianos no Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora, [s.d.].

- CLAVAL, P. A geografia cultural. Tradução de Pimenta, L. F. e Pimenta, M. de C.A. Florianópolis: Editora UFSC, 2001.
- CORRÊA, R.L. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.
- COSGROVE D. E. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, R.L., ROSENDAHL, Z. (org). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p.103-134.
- DIÉGUES JR, M. Imigração, Urbanização e Industrialização, Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais; Institucional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1964.
- FAUSTO, B. Imigração cortes e continuidades. In: NOVAIS, F. A. (Coord); SCHWARCS, L. M. (Org). História da vida privada no Brasil - Contrastes da intimidade contemporânea, Vol.4, São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 13 -63.
- FEITAS, S. M. de. Falam os imigrantes:... Memória e diversidade cultural em São Paulo. In: LANG, A.B. da S.G. (Org). Realidade brasileira: Várias questões, muitos olhares. CERU, textos 9, série 2. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 111-132.
- GOLDMANN, L. Ciências Humanas e Filosofia - que é a Sociologia. Tradução de Garaude, L. C. e Giannotti, J. H. São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1967.
- HALL, M. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, P. (Org.). História da cidade de São Paulo - A cidade na Primeira metade do século XX 1890-1954. Vol.3. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004, p.121-132.
- LAKATOS, E. M; MARCONI M. A. Metodologia científica. São Paulo: Editora ATLAS S.A., 1988.
- LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico. 16ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- MAIA, D.R. A geografia e o estudo dos costumes e das tradições, *Terra Livre*, nº 16, p.71-98, 1º semestre, 2001.
- MATOS, M. P. O Rio de Janeiro das Escolas de Samba: lugar, identidade e imagem urbana. Relatório apresentado no Exame de Qualificação do curso de Pós-

Graduação em Geografia (Mestrado em Geografia). UNESP – IGCE. Rio Claro: [s.n.], 2004.

- MELLO, J. B. F. O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira – 1928/1991 – Uma Introdução à Geografia Humanística. Dissertação (Mestrado em Geografia). UFRJ Rio de Janeiro: [s.n.], 1991.
- MORAES, A C. R. de. Geografia: Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1983. p.112 – 129.
- _____ . Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1988.
- MORAES, A C. R. de; COSTA, W. M. da. Geografia Crítica – a Valorização do Espaço. São Paulo: Hucitec, 1984.
- NEGRI, B., Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990), Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- PATARRA, N. A. São Paulo: povigente, povo vigente, povo e gente, 1998. Disponível em <<http://www.nepo.unicamp.br>> Acesso em 12 out 2005, 15:30 h.
- POCIANO, L. São Paulo 450 anos, 450 bairros. São Paulo: Editora Senac, 2004, p.189-190.
- ROSSINI, R. E. A Interculturalidade na Metrópole: os Velhos e os Novos Migrantes Internacionais. In: CARLOS, A F. A; OLIVEIRA, A U. de. Geografias de São Paulo – Representação e Crise da Metrópole. Vol. 1. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p.343 – 368.
- SILVA, R.C.N. da. As várias faces do uso do bairro e a cotidianidade do morador. *Revista Geousp*, nº 3, USP, 1988, p.29-37.
- VIEIRA, S.G. O centro vive – O espetáculo da revalorização do centro de São Paulo: sobrevivência do capitalismo e apropriação do espaço. Tese (Doutorado em Geografia) UNESP – IGCE. Rio Claro: [s.n.], 2002.
- WARNIER, J. P. A mundialização da cultura. Tradução Ribeiro, V. EDUSC. Bauru-SP, 2003.